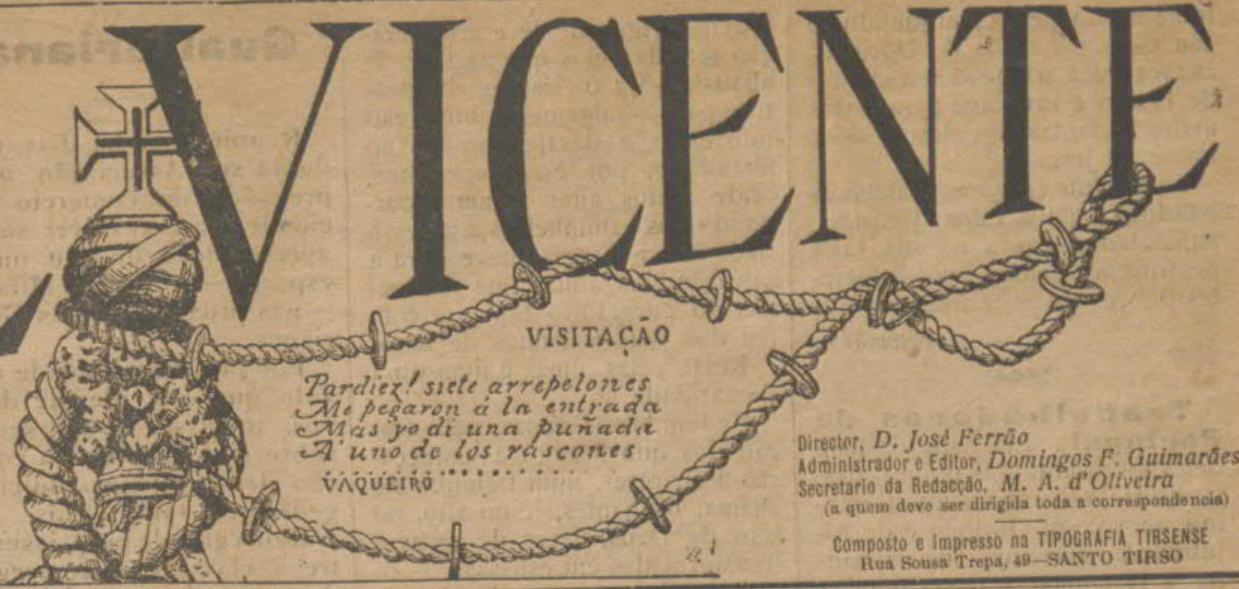




Semanário Monárquico-Integralista  
(Literário e Noticioso)  
Órgão e propriedade da J. M. Integralista Local  
Redacção e Administração:  
**AVENIDA DO COMERCIO**



VISITAÇÃO

*Pardiez! siete arropellos  
Me pegaron a la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascos  
VAQUEIRO*

Director, D. José Ferrão  
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães  
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira  
(a quem deve ser dirigida toda a correspondencia)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE  
Rua Sousa Tropa, 49 — SANTO TIRSO

## O PENSAMENTO INTEGRALISTA

Não pode dizer-se que a bibliografia Integralista seja longa; mas não pode dizer-se também, com verdade, que seja pequena. E' preciso atender-se ás condições do meio em que vivemos, se quisermos ajuizar do pouco ou muito que o Integralismo tem realizado no dominio editorial: num país onde não existe a profissão de escritor e onde, pelo contrario, a constante agitação politica *queima*, por assim dizer, ocupa e gasta os valores intellectuais mais activos, não é fácil fazer nem mais, nem melhor do que tem feito o Integralismo. Tanto no campo republicano, como no campo bolchevista, como no proprio campo constitucional — em todo o outro lado, enfim, da baricada onde nos batemos, a obra *escrita original* é muito inferior á nossa.

Um novo trabalho veio agora acrescentar a lista das nossas publicações: *O Pensamento Integralista*, de Fernão da Vide, de que a junta Provincial da Extremadura acaba de fazer uma bela edição. Com uma magnifica clareza de pensamento, numa prosa cheia de simplicidade e transparencia, numa perfeita deducção de raciocínios, os fundamentos historico-científicos e a determinação e oportunidade do objectivo social e politico da ideia Integralista, são demonstrados duma maneira persuasiva e irrefutavel pela viva intelligencia de Francisco Belie, — perdão! de Fernão da Vide... Repare-se no sumario do livro: — *Dos individuos e da sua interdependencia social — Do direito e seu fundamento: conceito de Estado e Nação — Do governo dos Povos: seu caracter pessoal ou ditatorial — Da transmissão hereditaria do governo ditatorial: valor da Dinastia — Da Raleza e naturais limitações dos seus direitos: reciprocidade politica — Da Nação Portuguesa — Da desnacionalização: suas causas e efeitos — Restauração de Portugal pela renovação da Monarquia — Do conceito de representação, e processo de reorganização que determina — Uma aspiração nacional.* Por esta enunciação se pode avaliar do conteúdo do livro. Pequeno, embora, ele não deixa de condensar e sintetizar o melhor da doutrina Integralista, formando como que uma ponte de passagem entre as ideias gerais expostas na *Cartilha Monárquica* e um livro mais largo, ou uma série de conferencias, onde sejam apresentadas as soluções para todos os aspectos do problema nacional. E, precisamente por ser objectivo do autor manter o livro nessa posição intellectual, é que ele se não espraia no desenvolvimento de qual-

quer dos problemas de caracter nacional a que tem de fazer referencia.

O movimento Integralista, sendo na sua origem um movimento nacionalista e tendo uma finalidade concretamente social, tem necessariamente de revestir um caracter intellectual: explana a filosofia do nacionalismo, por um lado, e por outro, em conformidade com essa filosofia, soluciona, os varios problemas de interesse social que se apresentem, como manifestações doentias ou como simples consequências naturais de factos novos, no decorrer da vida nacional. Eis porque a sua obra de pensamento tem de ser longa, para ser, também, fecunda.

O nosso grande mal presente, talvez mesmo o nosso maior mal, consiste numa grave anarquia mental e moral.

E' ver, por exemplo, o jornalismo português contemporaneo: com rarissimas e nobilissimas excepções, é miseravel sob o ponto de vista moral — porque é um jornalismo vendido ou empenhado ás varias quadrilhas financeiras do regimen e porque sofre duma inconsciencia que o torna pregoeiro de todas as aberrações patologico-literarias, pondo-se ao serviço da propagação duma literatura repugnante e dos seus mais repugnantes exponentes; — miseravel sob o ponto de vista intellectual, — porque é um jornalismo de ignorantes e analfabetos. Passemos do jornalismo para o campo do pensamento ou para o campo puramente literario, e vejamos... Não, é melhor não analisarmos. A anarquia do pensamento em Portugal é evidente; a ausencia de escrúpulos, a decomposição moral duma sociedade que ha muito abriu falencia, não o é menos. E é num meio assim pervertido e corrompido que a acção salutar do Integralismo Lusitano, no seu duplo aspecto moral e intellectual, tem de fazer sentir-se.

E' um meio assim, corrompido pela maior lepra, que nós temos de exercer a nossa melhor acção, para que de todo se não destrúa um patrimonio moral que os nossos avós honrados com tanta galhardia para os netos conquistaram, que os nossos pais começaram a desbaratar, que os nossos irmãos conspiraram — e que nós, finalmente, no meio duma sociedade envilecida, temos por dever guardar, acrescentar e nobilitar, para o transmitirmos aos nossos descendentes.

Por todas estas razões, é pouca toda a divulgação que se faça das ideias integralistas. Ha uma revista — *A Nação Portuguesa* — órgão oficial do pensamento Integralis-

ta, que é necessario manter a todo o transe e divulgar cada vez mais. E ao lado dessa magnifica obra do Dr. Antonio Sardinha, ha uma bibliografia que é preciso não esquecer também, uma meia duzia de livros que são apenas o preambulo duma mais larga obra a realizar. *O Pensamento Integralista*, de Fernão da Vide, é o ultimo desses livros na ordem cronologica, mas é um dos primeiros na ordem dos valores: é um livro em cuja divulgação todos os integralistas, a bem da doutrina comum, se devem empenhar.

Augusto da Costa

### S. CRISTOVÃO

Na Lenda e no Sonho

A Lenda é a fantasia do que foi;  
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(Continuação do número anterior)

Correu então, apesar das ingratiões e dos desenganos, por longos e desertos caminhos devastados pelas guerras, por demanteladas cidades que a fome e a peste arrefeciam em grandes cemitérios. E onde houvesse uma necessidade a acudir, lágrimas a enxugar, bôcas sem pão e corpos sem abrigo, logo seus braços transmudavam, á força de trabalho, todas as lágrimas em risos e os cardos secos da penúria cediam o lugar, por onde ele passava, ás rosas frescas da fartura. Assim, de terra em terra e de povo em povo, em toda a parte encontrou pobreza, injustiça e ingratiões, mas sempre a sua força, a sua humildade e a sua mansidão serviram de lenitivo ás amarguras dos fracos e por eles foi o servo de todos porque a todos, contente, serviu nos mais rudes e pesados trabalhos.

Assistiu em dias aziagos ás rondas satánicas das bruxas, e, por cima de toda a folha, viu-as ao luar dos ermos, cavalgando cabos de vassouras e foices gadanhelas, e ouviu as multidões desgraçadas dos rebelados contra Deus, conjurando as potências infernaes, adorando um Diabo negro de pés de bode, e como a furia dos appetites maus se desencadeava seguidamente á hedionda adoração. Uma bruxa trigueira e semi-nua impudicamente se ofereceu a Cristovão que, mansamente, a arredou de seu caminho, e só, mais triste que a noite triste que já tombava, continuou a sua jornada de sacrificios e de amarguras.

Ah! Porque seriam os homens tão maus? Porque se roubavam e matavam, e blasfemavam de Deus, porque havia tantos famintos, tantas desgraças, tão dolorosas e pungentes calamidades?

Debalde se interrogava Cristovão que o não sabia, e na sua ignorancia do «porquê» da maldade humana, seguia os caminhos agros da Terra espalhando o bem e recebendo agrãos. Servo de uma comunidade de eremitas, fu-



## AVÊ PÁTRIA!

*Terra da Pátria, salvé! Luz sagrada  
Do sol do meu País, eu te bendigo!  
Osculando-te o chão florido e amigo,  
Quero cantar-te em rústica balada.*

*Quantas vezes eu disse, a alma ansiada:  
Se eu torno a vêr-te, ó Pátria, ó doce abrigo,  
«Acabe-se esta luz ali comigo»  
Na paz ideal da última morada!*

*Sou desgraçado, choro e soffro? Embora:  
Farto das opulências do estrangeiro,  
Cansado de lutar com o meu destino,*

*Pátria adorada, a ti me abraço agora.  
A ti me abraço... e em sonho feiticeiro,  
Sobre a tua alma a minha alma inclino!*

RODRIGUES PEPINO.

(Do livro «Nas curvas do caminho».)

giu da serra onde viviam, solitários, em suas cabanas, mal que os viu tocados do orgulho de uma suposta santidade, e foi coqueiro e saltimbanco, varredor e barqueiro, escudeiro e cavador.

Curvado sobre a terra, onde a sua enxada penetrava tão fundo como se quizesse trazer aos lábios seu úbere coração, ele a regava de lágrimas e lhe implorava e a exortava a que produzisse depressa e muito para que as fomes desaparecessem e as revoltas se aplacassem na abundancia. E Cristovão caminhava sempre, absorto em vagos pensamentos, que a solidão e a grave melancolia dos seres e das coisas enchiam de tristeza, de misterio e de respeito.

Numa estrada poeirenta e deserta, sem a sombra dum galho a suavisar sua árida e descarnada nudez, a corpulenta estatura do gigante causou a admiração de uma luzida cavalgada e deu nas vistas curiosas de um loiro infante que viajava de liteira entre as mulas brancas de duas donas. Logo o princez, sabido nas maravilhosas histórias da cavalaria, afirmou que era o gigante que servia Roldão e desejou também ser seguido por um gigante. A uma ordem da velha aia, Cristovão foi incorporado no séquito numeroso, e nunca mais abandonou o menino que lhe fazia diabruras e o considerava um grande brinquedo, armado de uma clava feita do tronco inteiro de um riço carvalho.

Naquela doce paz e calma tranquillidade que era a vida do castelo, ali permaneceu Cristovão durante longos anos, e, de cada vez que senhores de longinquas terras ou peregrinos em romagem á Terra Santa recebiam hospedagem do condado, seu corpo era medido e remediado para que, entre tantas maravilhas contadas e recontadas no regresso, esse prodigio de altura e de força se

não descaminhasse na memória.

Entretanto o menino ia crescendo, e, com lanceada máguia do gigante, a pouco e pouco foi afastado da sua convivência; quasi homem já, o gentil herdeiro da rica castelania empregava agora os seus dias entregue ás rijas caçadas entre falcões e galgos, ou folheava ávidamente os volumosos «in-folios» onde se condensava e donde manava a fonte cristalina de todo o saber. Nas raras horas de ócio já não cavalgava como dantes o seu gigante; comprazia-se agora em vêr e ouvir na vasta quadra abobadada os trejeitos grotescos e as irreverências jocosas do seu jogral. Chorando o seu abandono, Cristovão curtiu em negras horas um como que vago ciúme do bôbo, que o trazia vasio de si próprio, e, depois que as suas occupações ficaram reduzidas ao simples encargo de trancar com seu pesado corpo a grossa porta macissa da torre dos arquivos e tesouros, deu em vagabundear pelos campos e pelas casas dos servos, de novo possuído por uma infinita nostalgia de bem fazer.

Ao povoado — apesar da doce paz e abundancia gosada nos domínios férteis do belo castelão — começaram em breve chegando novas más de fomes e de revoltas.

Noutros condados, as cabanas insofridas alcançavam-se contra os castelos, roubavam os tesouros, matavam os senhores, incendiavam arquivos e móveis, rasgavam forais e tapeçarias, e já um surdo rumor de desassocego e de franca espavoria as almas e defrangia os povos.

E Cristovão pensava de novo nas injustiças da Terra, na má distribuição das riquezas, nas rúcuas estarrapadas de famintos que ele encontrara nos atribulados caminhos da sua via-dolorosa, nos campos talados pelas guerras, nos casais abandonados pela

fome e pela peste, e erguendo ao céu os olhos raios de lágrimas, atirava para o alto o seu clamor de Justiça e invocava para tantos males e tantas agonias o doce nome de Jesus!

Finalmente chegaram à aldeia os bandos vingativos dos «Jacques», aumentados agora na sua fúria destruidora pelos servos habitantes pobres da castelania.

(Continua)

### Trabalhadores de Portugal:

Em volta da bandeira sacrosanta das quinças, dessa gloriosa bandeira que tremulou ao sol de Ourique e de Aljubarrota, cerremos fileiras contra a Democracia, nossa inimiga e inimiga da Patria, e, combatendo pela Monarquia Sindicalista, pela Monarquia do Trabalho, que o nosso grito de guerra seja hoje e sempre:

**Pela Patria e pela Monarquia!**

Caetano dos Reis.



### Nichos de «Alminhas»

Nas dobras dos caminhos velhos e escadeados da aldeia, nos largos das festas e nos adros das igrejas, no alto dos montes e nos fundos acachapados dos vales, erguem-se as cruces de piedade, atestados de reconhecimento, lembrança e fé, e os casótos pobres das «alminhas» penadas, os albergues pequeninos de santa devoção e caritativa prece, que os velhos, noutros tempos, em apagadas eras de unguida crença e temor respeitoso, quizeram que ali ficassem, como padrões de fé e símbolos de respeito, espalhados pelos campos, lá por longe, muito escondidos á sombra das árvores, onde só os rústicos entendessem aquelas reliquias de pedra e não as profanassem, porque só para eles elas se ergueram, porque só eles as poderiam entender, só eles as poderiam resar, só eles as poderiam respeitar, com a humildade de um quebrar de joelho, de um aceno de chapéu, de um murmurar de prece ou de um sacrificio de esmola. São símbolos de temor, de respeito e de bondade.

Pelos caminhos velhos passam caminantes, vem de longada, de um trabalho consumido, lá de longe, e sosinhos, com respeito, passam saudando os cruzeiros que ainda permanecem naquela postura de sacrificio que martirizou e sublimou Cristo, cruzeiros onde as crianças leveis, penas eriçadas de farrapos gaiteiros, se encarrapitam nos braços de pedra e saltitam em grita de degrau para degrau.

São o trapézio da canalha miudeira, os cruzeiros toscos, e ainda o misal das juras solenes dos namorados do campo.

E os caminantes passam, para o trabalho, um sorriso fresco nos lábios que o pólen dos últimos beijos dados cocega ainda para que o sorriso não esmoreça e se não feche, e o trabalho, pelo dia adiante, não fatigue e aborreça. E eles lá murmuram, com intenção, uma ladainha ligeira, ás «alminhas» do cabeço, de onde os passaritos esgrevinhadores saem em pipilada dos ninhos encobertos no emaranhado das silvas para o amanho da vida, lá p'ra longe, onde as sementeiras se podem esgravatar...

As «alminhas», esses nichos de rusticidade encantadora, que mostram e revelam uma característica assentada da arte simples da scenografia popular, e são o pensar devotissimo dos corações compadecidos e verdadeiramente religiosos que os mandaram erigir em épocas distantes, num

ardente vigor de fé e comiserção sentida pelos que partiam deabalada para o mistério da morte e para o julgamento final, vão morrendo e desaparecendo, ao abandono, por esses caminhos, onde tantos anos foram recordando aos caminheiros a necessidade de uma resa breve para a salvação das almas que nas penas do purgatório esperam o final dos seus trabalhos de fogo. Resar pelas almas é uma obra de caridade.

Redimidas as almas, pela oração dos que ficam, elas começam a aparecer, num tremular de chama, brilhantes, já no alto, no seio de Deus, livres de penas e transformadas em estrelas.

Cada alma que se salva é mais uma estrela na corte do céu. Uma velha m'o disse e é já hoje a minha crença. Não foi bruxa, foi devota. E até ela notou que as estrelas não aumentam. Sempre as mesmas! Fugiu a devoção talvez, não se salvam as almas porque ninguém por elas resa.

Uma Ave-Maria por entre um ralho e um destempero, á passagem de um defunto, assim por defastio, e Deus nosso Senhor leve a criaturinha para bom lugar e lá a tenha muito tempo sem nós. Cada vez menos estrelas, é verdade! As almas penam e as «alminhas» sofrem o sacrilégio de ofensas sem nome. Escadram-nas, abandonam-nas e roubam-nas.

Algumas chantadas na abertura de muros velhos, tão lindas na expressão do retábulo, tão gravadas tôscamente, em alto relêvo de tremida indecisão de córtes, são ainda um alívio de alma para quem nelas descansa os olhos com respeito e admiração, e dão vontade até de satisfazer o pedido dos versos, ou a gente não se lembrasse dos nossos que morreram e dos bons que nos fugiram para a eternidade do outro mundo.

Mas triste é ver morrer lentamente essas notas de arte, que vão acabando com o acabar do respeito e da veneração.

Muitas ao abandono! E quantas dignas de serem recolhidas, pelo seu valor antigo, pelo culto de recordação, e pelo seu interesse etnográfico! Quantas desaparecidas pela comodidade de um alargamento, pela necessidade de uma vedação!

E as que restam, pela inovadora reforma a que as sugereiam, tem pouco interesse. Roubaram-lhes a nota da simplicidade, o tique airoso da rudeza. Modificadas completamente, são a sombra a lembrar as antigas; estão alindadas demais, com ária moderna, compostas a capricho.

Tem pinturas refrescadas, lustro de bonecas, e vê-se bem que andou por ali amanho de borrador da vila, pretencioso e sabichão.

São já outras, as inocentes «alminhas» do passado.

São ricas; casas branqueadas e juntas tomadas a cimento, tetos estucados e grades seguras de prisão, a duas fechaduras.

Assim as topamos.

Mas abençoadas as mãos que ainda veneram com caridade e amor esses casótos das «alminhas», esses ninhos rústicos de nobreza, essas armas sagradas de uma divisa de fé, todo o orgulho da gente passada, da gente bondosa e humilde que morreu.

A.

### Vida Comercial

Em circular datada de 19 do preterito Fevereiro, participava a firma desta praça **José de Freitas Costa Soares & Filho**, ter sido dissolvida de comum acordo a sociedade que girava sob a firma **José de Freitas Costa Soares, Filho & C.**, continuando a sociedade com o mesmo ramo de comercio da firma dissolvida.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

### Gualterianas

Reuniram-se ha dias, na sede da sua Associação, os empregados de comercio desta cidade, para resolver sobre a apresentação do seu numero especial — A Marcha Milaneza, — nas proximas festas Gualterianas.

Foi por unanimidade resolvido que esta pleiade de novos, tomasse, como sempre, sobre si o encargo da confecção desse numero unico, no genero em todo o país.

Reina grande entusiasmo entre a classe dos empregados de comercio, que já nomearam uma comissão para tratar do assunto.

Sabemos que um grupo de rapazes Vimaraneses, actualmente habitando no meio commercial do Porto, e que aqui iniciaram a sua aprendizagem, pensa, a expensas suas, apresentar na Marcha Milaneza, um carro triunfal, desenho dum distinto artista Vimaranesense, mostrando assim esses rapazes que não esquecem a sua querida Guimarães, o seu progresso e o seu engrandecimento.

As Festas Gualterianas vão, no presente ano, deixar de si um rasto luminoso, que ha de reflectir-se no progresso e engrandecimento da nossa Terra.

**Avante! Por Guimarães!**

### Reparos...

Sim?...

De ladrões para baixo e de bandidos para cima, todos os insultos se atiram aos republicanos, assim diz, muito queixoso, certo colega local.

Já viram injustiça tamanha contra os homens da ré-publica? Num país como o nosso, em que as finanças estão num tão florecente estado que até hoje um ministro da ré-publica, hoje chefe de governo, declarou, admirado de tanta florecentia, que **o país tem estado a saque?**

Em que certa individualidade, que já exerceu por duas vezes, provisoriamente, o cargo de presidente da ré-publica, declarou, numa entrevista que **a republica, até hoje, ainda não teve ministros?**

Em que um actual dirigente da pasta da agricultura declara a um jornalista que **o estado gasta com o trigo, mais de 7.500 contos por mez dos quais não aproveita nada nem o povo, mas sim a Moagem que faz pão de luxo, bolachas, massas, etc.**

Em que por toda a parte abunda a moralidade em quantidade tal, que todos os dias só se ouve falar em **escandalos e Inqueritos** que nunca se chegam a concluir.

Em que os celebrados **T. M. E.** criam tanto vapor que para toda a parte que vão ficam **encalhados** nas... **casas de prégo.**

Em que tem sido tão brilhante a nossa representação na Exposição do Rio de Janeiro que, para nada faltar, até foram cantores e bailarinas, pagas pelo Zé, para que os nossos compatriotas de Alem-Mar tenham a doce ilusão, quando visitarem os productos expostos, que estão assistindo a uma exhibição de **café-concerto**, prenuncio de **tavolagem proxima.**

Em que as contribuições foram tão **amenizadas** que até dá gosto ir á tesouraria de finanças para se ficar **aliviado**... **da camisa, couro, cabelo e tudo.**

Em que se tem adoptado as mais energicas medidas para a **melhoria da vida**, que vivê-la hoje é um **prazer** inegalavel.

Em que se tem prestado uma

tam cuidadosa atenção á situação financeira que a Libra — aquela de cavalinho que dantes valia 4\$500 — atingiu a sua mais baixa divisa... pois **galopa na casa dos 2**, e já é ter muita sorte.

Em que... Mas basta por hoje. De contrário não chegaria o espaço todo, não chegaria todo o jornal, para enumerar todas as **grandezas e prosperidades** que nos trouxeram todos os eminentes estadistas... que puzeram o país neste estado.

E não querem os contrarios, que lhes chamem «lacaio»? «Lacaio» e bem «lacaio», não acham?

### Casótos...

V. Ex.<sup>aa</sup> já repararam no célebre casóto que **mestre** Jordão mandou construir na rua de Camões — pobre Camões! —? Pois reparem que vale a pena. Coisa fantastica unica no genero — unica não, pois já existem outros nas mesmas condições — deve ser um orgulho para a nossa terra e um **monumento** digno de ser admirado pelos **touristes** que nos visitem.

Obra admiravel, que honra não só quem a mandou construir mas tambem quem autorizou a construção, deve ser admirada por todos, guardada como reliquia sagrada, estimada mais ainda que a Igreja da Oliveira, Paço dos Duques de Bragança, Castelo, etc.

A Camara actual — a que foi imposta em nome da tão apregoada soberania do povo — não podia ter sido mais **feliz** no inicio dos seus projectados melhoramentos. Damos-lhe os parabens mais sentidos. Se todos os projectos forem de igual **calibre** a nossa terra ficará sendo unica no genero, rivalizando, em **modernismo e estética**, com as principais cidades das cinco partidas do mundo. Garantimos que **Marcos** não tem melhor nem sequer que se lhe assemelhe.

Casótos e castelinhos... Realmente Guimarães, em matéria de projectos e melhoramentos, foi sempre de... **castelinhos no ar.**

### Povo soberano...

Razão temos nós em não tomar a sério a tão celebrada soberania do povo, que os apóstolos de todos os tempos e de todas as fórmulas e formas de Democracia, teem vindo apregoando.

Razão temos nós em nunca os termos tomado a sério, e não estamos arrependidos de tal, pois os factos e a maneira como essa soberania tem sido encarada por aqueles que em todos os tons — desde o dó bemol até á surdina — se teem esfalfado em a proclamar deusa e senhora de todos... que vão no **embrulho**, teem-se encarregado de nos demonstrarem toda a falsidade do dogma.

Com as ultimas eleições municipais e paroquiais, levou-se ao auge a destaez e a mentira. Desmascararam-se. E é ver o que se passou por esse país fora; é ver o que se passou aqui, na nossa Terra. Para maior cumulo e maior desvergonha acabam de ser dissolvidas algumas juntas de freguesia. Porque? Porque não convinham ao D. Prior.

As eleições municipais devem ter desiludido os pré-gadores da luta legal e os **da chave da porta**. Com esta gente que usa de todas as ilegalidades para se manter, a unica luta legal é e ha de ser a luta das armas. Convençam-se disso os comodistas e acomodaticios.

### Correspondencias municipais : : :

Assim se podem chamar ás correspondencias que teem sido publicadas em dois jornais diarios, do Porto.

Como medida de economia deve ser excelente, pois poderão os nossos **edís** evitar despesas de editais.

Basta recortar as correspon-



### INTEGRALISMO

“**A** ORIENTAÇÃO mental da mocidade contemporanea, comparada á orientação dos rapazes do meu tempo, estabelece entre as nossas respectivas cerebrações uma diferença de nivel que desloca o eixo do respeito na sociedade em que vivemos, obrigando a elite dos velhos a inclinar-se rendidamente á elite dos novos.»

RAMALHO ORTIGÃO.

“**S**ERIA injustiça não reconhecer, como uma das causas mais proximas e de larga influencia na corrente literaria dominante, a acção do Integralismo Luzitano, tão combativo e ardente, tão cheio de entusiasmo e de fé activa, já heroica e nobremente provada pelo Sangue e pelo Espirito.»

A. CORREIA D'OLIVEIRA.

dencias e mandar colá-las nos lugares publicos do costume.

### ...os mesmos

Sempre os mesmos em tudo. Agora até chegaram ao cumulo de levar as rivalidades pessoais para as eleições das irmandades. Mas quando se resolverá esta gente a criar um pouquinho de juízo?

Aprel...

### Orçamentos...

Na ultima discussão do orçamento os **eminentes estadistas** não foram capazes de explicar o paradeiro de **806:521 contos** em que a dívida pública, desde 1914, aumentou a mais do deficit.

Talvez quizessem saber!... O segredo é a alma do negocio e neste como em todos os outros casos, o negocio ou negocios são sempre feitos com a maxima moralidade.

Moralidade?! Ora cebolario!...

### Finis

E agora, para terminar, só esta pequena transcrição que fazemos do nosso prezado colega de Lisboa, **Os Ridiculos**:

«Não vale a pena arrelhas, neste mundo tão judeu, esta vida são dois dias... «Coitado de quem morreu!»

Esta é a piada a atirar, cá por coisas, digo eu!»

Compreenderam? Esta é que é a autentica voz da verdade!

### 9 de Março

E' no proximo dia 9 do corrente que, na prestante Sociedade Martins Sarmiento, se fará, como nos anos anteriores, a festa escolar com distribuição de premios aos alunos mais distintos das escolas do concelho.

Lêde e propagai o «Gil Vicente».

**A' sombra da Cruz**

**Conego Moreira**

Em Midelo, terra da sua naturalidade, faleceu o illustre Arcipreste de Guimarães, rev. Conego Dr. Manuel Moreira Junior.

Desde ha muito já que Sua Ex.<sup>a</sup> vinha sofrendo de uma pertinaz enfermidade que por vezes o reteve longo tempo no leito, nada fazendo prevêr ainda o fatal desenlace.

Alma de eleição, era o rev. Conego Moreira estimado por todas as camadas sociais da nossa Terra. Assim, a pouco e pouco, tem desaparecido essa pleiade illustre de reverendos Conegos da nossa Real Colegiada, alguns dos quais souberam dignificar e defender os interesses da nossa cidade.

Está de luto o clero de Guimarães, estão de luto o professorado do nosso liceu e a Academia, estão de luto, também, os católicos Vimaraneses. O «Gil Vicente» apresenta á Família enlutada o seu cartão de mais profundo pesar, elevando ao céu uma prece pelo eterno descanso do saudoso extinto.

**Conego Sanches**

Esteve muito concorrida a missa que o professorado do nosso Liceu Central mandou celebrar na passada segunda-feira, pelas onze horas, na Igreja da Nossa Senhora da Oliveira, sufragando a alma do rev. Conego Dr. Pedro Sanches.

**D. Josefa Ferreira**

Estiveram muito concorridos os funerais, sufragando a alma da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Josefa Candida Machado Ferreira.

Organizaram-se varios turnos, tendo assistido aos funerais, alem de diversas corporações civis e religiosas, as seguintes instituições de caridade a quem a saudosa extinta beneficiou no seu testamento: Santa Casa de Misericordia, Entrevados de S. Domingos, Asilo de Santa Estefania, Asilo do Campo da Feira, Asilo de S. Paio, Creche de S. Francisco e Oficina de S. José.

**Da Ribalta**

Teatro D. Afonso Henriques

**AURA ABRANCHES**

Aura Abranches é já um nome consagrado. E' uma artista que arrebatava as plateias, que se tem dedicado á sua arte sublime, que tem sabido conquistar um lugar de destaque entre os artistas de teatro portugueses.

Aura Abranches já não precisa de reclames. O seu melhor reclame são os seus triunfos de sempre; e da visita que nos vem fazer nos dias 7, 8 e 9 do corrente, ha-de levar as maiores saúdades, as mais gratas impressões. Guimarães, a Terra de Gil Vicente, o artista admiravel, fundador do Teatro Português, ha-de tributar á genial artista todo o seu bom acolhimento tão hospitaleiro, que caracteriza o povo da nossa Terra. Serão 3 noites de arte, 3 espectaculos grandiosos. O programa é excelente:

**Grande Amor** (comédia em 3 actos de Dario Nicodemi, tradução de Mario Duarte e Alberto Moraes); **Madalena Arrepentida** (comédia em 3 actos, original de Aura Abranches); e **O Comediante** (comédia ingleza, em 4 actos, de Macdonald, tradução de João Lemos).

Assim, pois, a Empreza Luiz do Souto, ha-de vêr coroado

de exito o seu empreendimento, trazendo até nós tão consagrada artista.

Desde já lhe agouramos 3 casas completamente á cunha.

**Poetas & Prosadores**

**Nas curvas do caminho** por Rodrigues Pepino. Edição da Companhia Portuguesa Editora, Limitada.

O livro de Rodrigues Pepino é já um livro consagrado pela critica. E' o livro de um poeta emotivo, de um poeta que ama a sua Terra, que a canta, que a louva, que a engrandece.

*Nas curvas do caminho* revela-nos o seu autor a sua inspiração serena, cristianissima, honrando a Deus e á Patria, numa muito cuidada métrificação, cantando as belezas de sua Bairrada, do seu Vouga, do seu Bussaco, enfim, da sua Beira Maritima, num cantar suave e harmonioso, agradável, apoteotico mesmo.

Ilustrado com uma sugestiva capa de João Carlos é este livro dividido em 5 capitulos:

*Regionais, Flócos, Lira Amorosa, Nostalgias e Últimas Páginas*, que se leem agradavelmente, sem enfado, como se os seus sonetos tivessem o condão de nos enfeitiçar, de nos levar a uma vida mais bela, mais grandiosa. E' que, como diz o poeta:

*...todo o verso de alma nos faz bem, E nos leva ao caminho da virtude.*

O seu livro tem êsse condão; tem o condão da Virtude, onde o culto de Deus perpassa como brisa suave que nos refresca a alma.

*...Estasiado eu contemplava os céus, Enquanto no meu peito a tumultuar Ecoava, serena, a voz de Deus!*

Foi talvez essa voz de Deus de que o poeta nos fala, que incitou e deu inspiração ao seu bello trabalho, levando-o a

*...rezar como a criança reza A Deus, á Patria, ao Ambr e á Liberdade*  
*E á luz do poente, em extasi e velhinho, Saudar ainda o Gento da Poesia, Na derradeira curva do caminho.*

Continue Rodrigues Pepino, pois este livro veio revelar-nos os seus primorosos dotes e darnos a esperança de que os seus livros futuros serão mais uma gloria para si, para o seu talento e um engrandecimento que proporcionará á nossa literatura.

A. O.

**Registo de entradas**

**Na Corte da Saudade** (poemas de Toledo) por Antonio Sardinha.

**Poesias e Mais Poesias**, por Guilherme de Faria.

**Luiz de Almeida Braga**, discurso pronunciado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 6 de Agosto de 1921, pelo dr. Pinto da Rocha, professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Agradecemos.

**IMPRENSA**

**"Voz de Guimarães,"**

Assumi a Direcção d'êste nosso prezado colega local, o nosso prezado amigo sr. Eugenio Vaz Vieira, ficando como administrador o também nosso prezado amigo e correligionario sr. padre Manuel de Freitas Junior.

Os nossos cumprimentos mais sinceros.

**"Vida Musical,"**

Temos presente o n.º 5 desta interessante revista que se apresenta, como sempre, illustrado, inserindo um argumento da opera *Aida* e noticias varias sobre o movimento musical nos diversos países.

**"A Voz do Trabalho,"**

Com excelente colaboração e um bello aspecto grafico, iniciou a sua publicação em Lisboa, no dia 25 de Fevereiro, êste bi-semanario sindicalista, defensor das verdades do Sindicalismo-Organico.

Na sua *en-tête* traz a seguinte saúdação:

**Trabalhadores de Portugal**

"A Voz do Trabalho", modesto periodico que hoje vê a luz da publicidade

**Sauda-vos!**

Ao vosso lado tereis esta trincheira, para combater aqueles que te ludibriam e matam de fome a troco de promessas vãs.

**Trabalhemos por um Portugal-Maior, fazendo a Monarquia Sindicalista**

Ao seu Director, nosso prezado camarada no Bom Combate, sr. Caitano dos Reis e a todo o corpo redactorial, as nossas saúdações, desejando á "A Voz do Trabalho" as maiores prosperidades.

Agradecemos a transcriçao que fez do soneto *Em volta do encoberto* da autoria do nosso querido amigo e camarada sr. Ruy de Carvalho, publicado no nosso numero 5.

**"A Realeza,"**

Entrou no 2.º ano da sua publicação êste distinto semanario de Vila-Real.

As nossas saúdações.

**Ferreira, Machado & Companhia, L. da**

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura desta data, lavrada pelo notário Bacharel Antonio José da Silva Basto Junior, desta cidade, Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães, José Antonio Pereira e José Machado, constituiram entre si uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma — **Ferreira, Machado & Companhia, Limitada**, — fica com a sua sede nesta cidade de Guimarães e o seu estabelecimento na rua de Paio Galvão, na casa designada pelos n.ºs 110, 112 e 114 de policia.

2.º

O seu objecto é o exercicio do commercio e industria de calçado, pentes e qualquer outro artigo que se resolva explorar.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu começo se contará desde o dia um do corrente mês de Fevereiro.

4.º

O capital social é de Esc. 25.000\$00 em dinheiro, representado e dividido em três quotas, sendo de 10.000\$00 as quotas de cada um dos sócios Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães e José Antonio Pereira e de 5.000\$00 a quota do socio José Machado.

§ 1.º Cada um dos socios Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães e José Antonio Pereira já entrou na caixa social com a quantia de 6.000\$00, e da quota do sócio José Machado acha-se realizada a quantia de 3.000\$00.

§ 2.º As importancias que faltam para a integralisação das mesmas quotas deverão dar entrada na caixa social, até ao dia trinta e um de Março do corrente ano.

5.º

Por falecimento ou interdicção de qualquer dos sócios, continuará a sociedade com os sobreviventes ou capazes, e os herdeiros do falecido ou representantes do interdito apenas ficam com o direito de receber o que se verificar pertencer-lhes de harmonia com o ultimo balanço, devendo o pagamento respectivo effectuar-se em três prestações, sem vencimento de juro, sendo uma de 50 por cento, no prazo de seis mezes, e duas de 25 por cento cada uma nos prazos de nove e doze mezes.

6.º

O sócio que pretender sair da sociedade, avisará, em carta registada, os outros sócios, com antecipaçao de seis mezes, devendo, nesse caso, a sociedade pagar-lhes o que se apurar pertencer-lhe pelo ultimo balanço nos termos e nos prazos indicados no artigo anterior.

7.º

Anualmente se dará balanço que se fechará em data de 31 de Dezembro.

8.º

Os lucros liquidos que se apurarem em cada balanço, depois de deduzida a percentagem legal de 5 por cento para fundo de reserva, serão divididos pelos sócios na proporção de 35 por cento para cada um dos sócios Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães e José Antonio Pereira e 30 por cento para o sócio José Machado.

§ 1.º Os prejuizos, se os houver, serão suportados pelos sócios na mesma proporção.

§ 2.º Para os seus gastos pessoais e por conta da sua quota de lucros, poderá cada um dos sócios retirar mensalmente da caixa social a quantia que em assembleia geral da sociedade se fixar.

§ 3.º Os sócios não poderão levantar mais de 50 por cento dos lucros que lhe couberem, salvo se a sociedade entender que o levantamento dos restantes lucros não vai afectar a sua vida financeira.

9.º

A cessão e a divisao das quotas ficam dependentes do expresso consentimento da sociedade manifestado em titulo autentico ou autenticado.

10.º

A gerencia de todos os negocios da sociedade e a representação desta, em juizo e fóra d'êle, são exercidas pelos sócios Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães e José Antonio Pereira os quais serão os unicos a usar da firma social, ficando a cargo do sócio José Machado a direcção tecnica das oficinas da sociedade.

§ 1.º Os gerentes são dispensados de caução.

§ 2.º E' obrigatória a assinatura de ambos os gerentes em conjunto para os documentos que envolvam responsabilidade para a sociedade.

§ 3.º A firma social, em caso algum, será empregada em fianças, alienações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negocios da sociedade.

11.º

O sócio José Machado fica obrigado a fornecer á sociedade todo o calçado que fabricar na sua officina, e só poderá vendê-lo a estranhos se a sociedade não carecer d'êle.

12.º

No caso de dissolução por qualquer dos fundamentos legais, todos os sócios serão liquidatários, procedendo-se á partilha como então para ella se concertarem, sendo-lhes livre o direito de licitação para o caso de mais de que um sócio pretenda o estabelecimento social que, com todo o seu activo e passivo, será adjudicado áquele que mais vantagens oferecer.

13.º

Os sócios, por si e seus herdeiros, renunciam ao direito de recorrer ao arrolamento e imposição de sélos nos haveres sociais, não devendo entrar de modo algum os negocios da sociedade.

14.º

As disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação applicavel, deverão ser observadas em todos os casos omissos.

Guimarães, 14 de Fevereiro de 1923.

O Notario,

a) Antonio José da Silva Basto Junior.

ACABA DE APARECER

**O Pensamento Integralista**

::: SEUS FUNDAMENTOS :::  
: HISTORICO-SCIENTIFICOS :  
: RAZÃO & OPORTUNIDADE :  
DO SEU OBJECTIVO SOCIAL  
::: & POLITICO ::: :

POR

**FERNÃO DA VIDE**

PREÇO 3\$00 — Para a provincia mais \$50  
Pedidos á Administração da Nação Portuguesa — Largo do Directorio, 8-3.º — LISBOA.

**FRATERNIDADE**  
COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

**Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães**

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

**JOÃO RIBEIRO**  
ALFAXATE

**Modas e confecções**

Rua 31 de Janeiro, 132 — GUIMARÃES

# ARTIGOS RELIGIOSOS

IMPORTADOS DIRECTAMENTE DA

## ALLEMANHA E FRANÇA

VENDEM:

**A. D. Marques, Limitada**

RUA DO OURO 200-4.º

**LISBOA**

## A TENTADORA

**Bernardino Almeida & Costa, L.ª**

FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS  
ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES

CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

GUIMARÃES

## A CONFIANÇA

MERCEARIA, CONFETARIA E PAPELARIA

Especialidade em CHÁ E CAFÉ

VINHOS FINOS, LICORES E CHAMPAGNES

Depositarios das Aguas Bom-Jesus

**Ferreira & Martins, L.ª**

86 - RUA PAIO GALVÃO - 88

GUIMARÃES

## Materiais para construção

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes e artigos concernentes  
para pintor e caiador. A casa que mais barato vende

Amandio Teixeira de Carvalho - RUA DE SAMPAIO

## Cartilha Monarquica

## Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

## AO PUBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo  
aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por Alfredo  
de Oliveira

Vila da Feira

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao fabricante ou aos seus representantes:

No Porto:

OLIVEIRA & MACHADO  
R. de Passos Manuel, 71

— E A —

PEROLA DO BOLHÃO  
Rua Formosa

Em Espinho:

CADILON & C.ª L.ª  
181, Avenida, 8, 203

Na Beira Baixa:

JOSÉ VICENTE  
ALFERRAREDE

## LEIAM A Nação Portuguesa

REVISTA MENSAL DE CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e administração:

Largo do Directorio, 8 - 3.º - LISBOA

## GIL VICENTE

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal

Ano . . . . .	7\$500 reis
Espanha . . . . .	9\$500 >
Africa . . . . .	10\$500 >
Brazil . . . . .	12\$500 >
Numero avulso . . . . .	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha . . . . .	200 reis
Repetições, por linha . . . . .	100 >
Permanentes, contracto convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um . . . . .	1\$500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinan-	
tes, 20 por cento de abatimento.	

## GIL VICENTE

Ano IV N.º 130

2.ª Série N. 7

Ex. Sr.